

Seixas, do BC, é nomeado para comissão da dívida

JORNAL DE BRASÍLIA 10 ABR 1987

externa

A Diretoria para Assuntos de Dívida Externa (Divex) do Banco Central não será extinta, como se propalou. Isso porque o presidente José Sarney designou o seu titular como um dos integrantes para a Comissão de Assessoramento Presidencial para a Negociação da Dívida Externa Brasileira, sob a presidência do ministro da Fazenda, Dilson Funaro. Porém, o atual diretor da Divex, Antônio de Pádua Seixas, está demissionário desde o início de março, por não concordar com a moratória anunciada pelo presidente José Sarney, em 20 de fevereiro. Seixas integra o time afinado com o ex-presidente do BC, Fernão Bracher, que saiu antes da moratória, também por não concordar com ela.

Ao contrário do que se acreditava antes, o Banco Central não foi esvaziado de suas atribuições de renegociar a dívida externa, mesmo porque, hoje, toda a instituição está muito mais voltada para esse problema, do que propriamente procurando soluções para o combalido sistema financeiro nacional. O presidente do BC, Francisco Gros, não somente integra a comissão — de dez membros —, como também tem outro diretor, o da Área Externa,

Carlos Eduardo de Freitas, na comissão.

Desde a moratória, Freitas está encarregado de zelar pela continuidade do crédito de curto prazo do país, como também pelos estudos técnicos a respeito da conversão de parcelas da dívida em capital de investimento. O que ocorre é que o Palácio do Planalto e o Ministério da Fazenda determinam o comportamento político do governo em relação à dívida. O Banco Central desempenha o papel de órgão normativo e técnico. O ex-ministro das Relações Exteriores, Saraiva Guerreiro, que fica abaixo de Funaro na hierarquia da renegociação, dará o tom diplomático ao problema, porque é profundo conhecedor das relações internacionais.

Se o Brasil mantiver a moratória por longo tempo, os bancos credores poderão executar retaliações contra bens do país no exterior, capturando-os. Naturalmente, os governos também poderão adotar sanções, no sentido de proteger os seus respectivos bancos, porque estes têm acionistas e Saraiva Guerreiro saberá neutralizar esta ameaça.